

## EFEITOS DA DITADURA MILITAR

KUCINSKI, Bernardo. *Você vai voltar pra mim e outros contos*. São Paulo: Cosac Naify, 1914.

Valdemar Valente Junior\*

**RESUMO:** Este texto aborda questões referentes ao golpe militar no Brasil recorrendo à coletânea dos contos de Bernardo Kucinski como um depoimento acerca dos vinte e um anos do regime antidemocrático que teve início em 1964. O agravamento da censura, a proibição de livros, filmes e peças teatrais, a prisão e a tortura de militantes políticos, a reação da vanguarda revolucionária e o exílio de artistas e intelectuais de esquerda concorrem como temas desses contos. A narrativa também atua como um meio de evidenciar o regime autoritário denunciando as consequências físicas e psicológicas que permanecem nos sobreviventes de torturas e de todo tipo de violência. Escritos durante o período que marca o retorno e a consolidação da democracia no Brasil, esta coletânea ajuda a pensar acerca das várias ditaduras na América Latina como parte da campanha norte-americana de coibir o avanço do regime socialista que teve na Revolução Cubana um exemplo significativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Ditadura; Violência; Política; Censura.

Os cinquenta anos do episódio antidemocrático que vitimou a sociedade brasileira funcionam como data a que alguns remanescentes insistem em celebrar, não contentes

---

\* Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor Assistente da Universidade Castelo Branco e Professor Assistente na Faculdade Paraíso. Autor de *Dispersa sequência: ensaios de Literatura Brasileira* (2014) e *O mel do engenho, o fel da palavra: desconstrução da ideologia na poesia satírica de Gregório de Matos* (2015).

em se manifestarem através das redes sociais a favor de seu retorno. A despeito dos que insistem em buscar argumentos a seu favor, a ditadura militar no Brasil contribuiu para o aniquilamento em cascata das gerações que cresceram sob o efeito da alienação que lhes embruteceu a sensibilidade e o sentido crítico. Tanto quanto a violência que condenou aos porões do DOI-CODI as vanguardas revolucionárias, a ditadura militar fez o serviço sujo de destruir a educação e alienar a sociedade através do esvaziamento do debate político, o que só foi retomado a partir da abertura política e da transição democrática lenta e gradual, bem à moda brasileira, que colocou e ainda mantém no poder político antigos aliados dos militares que pegaram carona na volta à democracia. Desse modo, o que se constitui hodiernamente na conhecida Comissão da Verdade, antes de querer promover uma situação de revanchismo, propõe o esclarecimento dos crimes políticos cujas vítimas sequer tiveram seus corpos encontrados.

Isso mais que justifica o sentido e o significado da publicação de *Você vai voltar pra mim e outros contos*, de Bernardo Kucinski, que no âmbito da criação literária corresponde à negação da efeméride de cinquentenário do regime autoritário, expondo, no plano narrativo, as agruras do que no plano pessoal representam o desaparecimento de sua irmã e de seu cunhado. Assim, a coletânea remete quase sempre, como em “A beata Vavá”, que enfeixa a obra, às relações envolvendo o sofrimento de presos, quando a mãe vê no sangue de Jesus Cristo crucificado, na imagem da igreja, a reprodução das torturas sofridas por seu filho na prisão. Ainda as questões envolvendo o racismo e a exclusão social estão presentes em “A negra Zuleika”. Acusada de subversão por cantarolar na praia a música “Caminhando”, de Geraldo Vandré, que ouvira na casa dos patrões, seduz o soldado encarregado de prendê-la, com quem tem um filho e com quem se encontra regularmente. Assim, os contos de Bernardo Kucinski ampliam o halo de realidade que ultrapassa o âmbito do denunciamento para elucidar, por exemplo, a desagregação familiar decorrente da prisão política que gera a separação entre pai e filho, em “Terapia de família”, quando a psicanálise interfere como possibilidade no âmbito da convivência social da classe média.

Em “O jogo de chá”, a perseguição política traz à tona o velório do ex-presidente Juscelino Kubitschek e a perda de cargos dos antigos servidores que nele comparecem, colocando em cena a decadência de uma classe que busca se desfazer de objetos pessoais de valor para fazer frente ao orçamento familiar. Assim, as dores mais recônditas afloram como resultado do regime de exceção e das diferentes formas com que suas vítimas são atingidas, a exemplo de “Sobre a natureza do homem”, em que a jovem torturada ingressa em um processo de esquizofrenia sem retorno. Mais ainda, o sepultamento simbólico do morto cujo corpo nunca foi encontrado, em “O velório”, assim como em “Joana”, quando a peregrinação de uma mulher idosa pelo centro da cidade tem como objetivo a busca do marido desaparecido. Para ela, a ausência de uma sepultura lhe reforça a ideia de poder encontrá-lo entre os mendigos que dormem sob as marquises, quando lhes exhibe a fotografia do marido. Os contos seguem seu curso, enfatizando, por exemplo, o lugar do jovem interiorano preterido de assumir um cargo público por ter atuado em um programa de alfabetização considerado subversivo, em “A visita do inspetor-geral”.

A sucessão desses contos parece chegar ao clímax a partir de “Você vai voltar pra mim”, quando o requinte de sadismo da tortura física e psicológica dá foros de hiper-realidade à sanha dos algozes. Não obstante, as contradições dentro das organizações clandestinas se transportam para dentro das prisões, quando dois presos políticos discutem, em “A troca”, evidenciando suas divergências, ou quando a combativa militante que, tomada pelo que se chamou de síndrome da tortura, vai a uma delegacia e denuncia os companheiros da organização revolucionária de que faz parte, em “Dodora”. A violência do regime, o exílio de militantes sob ameaça ou o fim da crença dos conservadores no espírito redentor da ditadura ficam explícitas em “Pais e filhos”, quando o médico reacionário certifica-se de que há de fato pessoas sendo torturadas nas prisões militares. As ameaças de delação e a desconfiança dos professores no meio universitário são o tema de “A suspeita”, quando os responsáveis pelo isolamento do colega reconhecem ter cometido um engano, ainda que movidos pelo clima de tensão que predomina. Por sua vez, em “Kadish para um dirigente comunista”, o ateu materialista é enterrado em um cemitério

judeu, sendo essa contradição desfeita quando é entoado o hino da Internacional Socialista, símbolo do movimento de que fizera parte.

Os anos de resistência ao golpe militar amalgamam recordações bastante ásperas e dolorosas, mas também ajudam a conceber um momento de extrema solidariedade a partir da utopia revolucionária da juventude militante. Por isso, os contos de Bernardo Kucinski perpassam o tecido tênue dessas lembranças como um acerto de contas com o passado histórico, no âmbito da construção ficcional. Antes de qualquer sentimento de nostalgia, o que parece improvável, a série de contos tem a vantagem de se sobrepor ao relato autobiográfico, dando ao material de que se serve a nítida função de relato reconstruído a partir de uma realidade que adquire foro de elemento verossímil. A despeito de citar em alguns poucos momentos nomes de personagens verdadeiras, como o do delegado Fleury, os contos recorrem a nomes que parecem substituir aos de origem, imprimindo um sentido de ficcionalidade que poupa do rigor histórico a identidade dos que tomaram parte nesse momento crucial da vida brasileira. Por sua vez, a narrativa não poupa as tintas fortes com que descreve o drama pessoal de jovens idealistas atirados aos cárceres do regime militar e submetidos a todos os tipos de tortura.

O episódio do jovem militante que não consegue disfarçar sua condição por conta de sua estatura elevada, em “Um homem muito alto”, mais do que cair no âmbito do anedótico e do pitoresco, revela o drama comum a uma enorme galeria de idealistas vitimados pela violência que se entregaram em holocausto à causa revolucionária. Também a utopia de uma sociedade mais justa e fraterna, livre das injunções do capitalismo em sua feição mais devastadora ganha o contorno narrativo que se configura em “Recordações do casarão”, um verdadeiro achado, talvez o momento mais elevado de toda a coletânea, que por sua carga de lirismo contribui para caracterizar um clima que difere da maioria dos contos, onde a tensão psicológica parece dar o tom mais grave do discurso. Além disso, a perseguição por motivos políticos coloca em lados opostos pai e filho, em “Os gaúchos”, mas confirma no caráter inflexível do filho a retidão moral do tradicionalismo gaúcho. Por sua vez, em “A mãe rezadeira”, o filho continua preso, não sendo trocado pelo

diplomata suíço que fora sequestrado, para satisfação de sua mãe, que rezara por sua permanência na prisão, perto dela, sem correr o risco de ir para a Argélia e ser impedido de voltar ao Brasil.

A crise política dos anos do regime militar, que deu lugar a narrativas como *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós, e *A festa*, de Ivan Ângelo, retoma o plano desse memorial das sombras como uma celebração às avessas, na medida em que não há o que ser comemorado nesse cinquentenário funesto. Mais ainda, o fato de Bernardo Kucinski, jornalista e professor, ter-se revelado como ficcionista já na maturidade em nada inviabiliza a fruição de um talento que lhe soa inequívoco. As situações vivenciadas nos anos de chumbo convertem-se em metal nobre, na medida em que recebem tratamento apurado, cabendo ao escritor enumerar a sucessão desses dramas com a minudência e o talento que parece ter apurado em seu estilo como um vinho de safra antiga que só agora pode ser devidamente apreciado. Os transtornos que habitam a galeria de seus personagens, marcados pela sombra de uma memória que lhes é quase sempre incômoda, dão lugar a um plano de recuperação da dignidade com que, sem dúvida, os contos de *Você vai voltar pra mim e outros contos* contribuem, elevando ao nível de uma narrativa essencial a luta pela democracia e pelo fim da opressão.

Assim, em “A instalação”, as primas se conhecem pela internet e marcam encontro, sendo que uma delas guarda sequelas no joelho como prova das torturas que sofrera na prisão, enquanto a outra lhe mostra, em seu palacete de visível mau gosto *nouveaux riche*, entre outros objetos, o pau-de-arara que o marido ganhara dos colegas policiais quando se aposentara. A truculência do regime, por sua vez, não poupa sequer o jornalista australiano, em “O garoto de Liverpool”, que ao se interessar em pesquisar sobre o impacto da construção da rodovia Transamazônica na vida das aldeias indígenas, é preso e torturado. Além da questão específica da ditadura militar no Brasil, há o exemplo do conto “História de uma gagueira”, em que são descritos alguns tipos de violência decorrentes do regime salazarista, quando, por ocasião da Revolução dos Cravos, o personagem gago consegue articular um discurso em favor da liberdade. Ou ainda, o metalúrgico grevista,

filho de pai judeu, que não consegue permanecer no mesmo emprego por conta de ter seu nome em uma lista no Dops. Também algumas narrativas ocorrem no exílio, a exemplo de “A sandinista”, quando a ex-guerrilheira, agora ministra da habitação, assume uma postura de indiferença para com o antigo professor, negando-se a recebê-lo. Em seguida, os filhos de pais assassinados, em “Cenas de um sequestro”, o fim do socialismo na Albânia, em “O filósofo e o comissário”, a misantropia e o suicídio de um ex-militante, em “Tio André”, ou o caso de um membro do Partido Comunista envolvido com a corrupção, em “Dr. Carlão”, também assumem a relevância de temas narrativos.

A história passada a limpo por meio da ficção não se constitui em nenhuma novidade. No entanto, como nos diz Maria Rita Kehl, no prefácio à obra, “É preciso compartilhar o acontecido com o outro, os outros”. O sofrimento humano, que parece não ter limites, assume as formas possíveis do discurso narrativo para expor o que, no plano da realidade, ainda custa bastante a ser devidamente esclarecido e, muito mais ainda, superado. Os crimes políticos perpetrados contra a militância revolucionária comparecem como terrível incógnita a que os grupos de defesa dos direitos humanos buscam desvelar enfrentando uma série de percalços. A trajetória da democracia brasileira por vezes é contraposta à ameaça explícita em redes sociais sobre um contra-ataque de forças reacionárias que anda persistem, espécie de ovo da serpente que busca vir à luz. Para tanto, se faz sempre preciso que a prosa de ficção também possa assumir esse espaço concernente à manutenção de uma atitude com vistas a não deixar qualquer dúvida quanto aspecto nocivo e devastador do período marcado pelo autoritarismo no Brasil. Assim, em *Você vai voltar pra mim e outros contos*, como em *K*, livro de ficção que do mesmo modo tematiza o horror da ditadura militar, Bernardo Kucinski, com rara felicidade, retoma uma página infeliz da nossa história.

## EFFECTS OF THE MILITARY DICTATORSHIP

**ABSTRACT:** This text approaches questions about the military strike in Brazil appealing to the collection of short stories written by Bernardo Kucinski as a deposition about the twenty-one years of the antidemocratic system that began in 1964. The aggravation of the censorship, the prohibition of books, films and plays, the capture and torture of political militants, the reaction of the revolutionary vanguard and the exile of artists and intellectuals of left are the themes of that short stories. The narrative also acts like a way of evidencing authoritarian regime, denouncing the physical and psychological consequences that continue in the survivor of tortures and all kind of violence. Written during the period that indicates the return and the consolidation of the democracy in Brazil, this collection helps to think about the several dictatorships in Latin America as part of a North American campaign of repressing the advancement of the socialism regime that had in the Cuban Revolution a significant example.

**KEYWORDS:** Literature; Dictatorship; Violence; Politics; Censure.

## REFERÊNCIAS

ÂNGELO, Ivan. *A Festa*. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

TAPAJÓS, Renato. *Em Câmara Lenta*. São Paulo: Alfa Omega, 1977.

*Recebido em 04/09/2015.  
Aprovado em 12/01/2016.*